

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, DEZEMBRO/2007 - ANO XI - Nº 131

Reprodução

EDITORIAL

Num balanço de final de ano, constatamos que as questões ambientais nunca estiveram tão em moda como nos últimos tempos. Os órgãos de comunicação, quase que diariamente, têm noticiado a preocupação do planeta com o aquecimento global e suas consequências para a vida na Terra. A mudança climática continua a ser assunto do momento. Como atestam inúmeros cientistas, esse é o maior desafio enfrentado pela espécie humana. Se não houver mudança radical de atitude, a elevação da temperatura será suficiente para que bilhões de pessoas sofram de crescente falta de água. Com o planeta mais quente, haverá ruptura no equilíbrio dos diversos ecossistemas e da própria vida humana. Recente consenso científico sobre o impacto do aquecimento global aponta obstáculos que nosso país tem de começar a enfrentar desde já. Caso contrário, as consequências poderão ser devastadoras. Alterações nos sistemas de chuvas e secas já podem ser sentidos em diversas regiões do Brasil. É preciso encarar os problemas ambientais com seriedade e é preciso, também, seriedade de ação, tanto dos governos quanto de cada indivíduo, na busca de soluções para minimizar essas questões.

O estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Meio Ambiente, vem desenvolvendo amplo projeto que o coloca na vanguarda de eficientes políticas ambientais. Essas políticas, voltadas para os mais de seiscentos municípios do Estado, são descentralizadas. Em Piquete, qualquer morador é capaz de apontar agravos ao meio ambiente. Basta voltarmos-nos para nossos ribeirões para constatar a falta de políticas ambientais: o rio Piquete tornou-se um filete d'água; agoniza sufocado por resíduos domésticos lançados "in natura" em suas águas. Nesse ano, uma notícia alvissareira: o governo estadual estabeleceu como meta realizar o tratamento de esgoto em 100% até o ano de 2010. É preciso, no entanto, especial atenção para a revegetação e recuperação de nossas nascentes e matas ciliares, para garantir o volume de água nos rios.

Que o espírito de Natal faça renascer as esperanças de um futuro melhor, fazendo com que o Ano Novo seja repleto de prosperidade e grandes realizações voltadas para a saúde do planeta.



O Natal é momento para nos penitenciarmos de nossas omissões e nos voltarmos para o próximo enxergando nele o Menino do Presépio. A época, mais do que qualquer outra, é de esperança.

Um Menino nasceu... É Natal!

Contam-nos as Sagradas Escrituras que um anjo anunciou a Maria que ela daria à luz um Menino, Jesus Cristo, o filho de Deus. Na véspera do nascimento, ela e seu esposo José viajaram de Nazaré para Belém, a fim de serem recenseados, como era costume à época. Como chegaram durante a noite, e não encontraram lugar para dormir, tiveram que se abrigar num estábulo de uma velha estalagem. E ali mesmo, entre bois e cabras o Menino Jesus nasceu, sendo envolto em panos e deitado em uma manjedoura.

Pastores que estavam próximos, com seus rebanhos, foram avisados por um anjo e visitaram o bebê. Três reis magos, que viajavam, havia dias, seguindo a estrela guia, encontraram também o lugar e ofereceram presentes ao Menino: ouro, incenso e mirra. No retorno, levaram a Boa Nova de que o Filho de Deus havia nascido. A notícia ganhou o mundo e há mais de dois mil anos é comemorada.

Mais um Final de Ano! Mais um Natal. Universal e abrangente, a festa de Natal é calorosa e alegre... A todos envolve. É uma das mais coloridas celebrações da humanidade. Esta, que é a maior festa da cristandade, está presente no coração de todos os homens. O Natal proclama e celebra o maior acontecimento da história: o Verbo se fez carne e armou tenda entre nós.

É Natal! À parte de tudo isso, não podemos nos esquecer do verdadeiro significado da data, que está além e acima de comemorações e tradições humanas. Um Menino nasceu. Ele é o homenageado. É sinônimo de esperança. E é o presente de Deus para os homens. Tudo o que Ele representa é o que precisa ser lembrado.

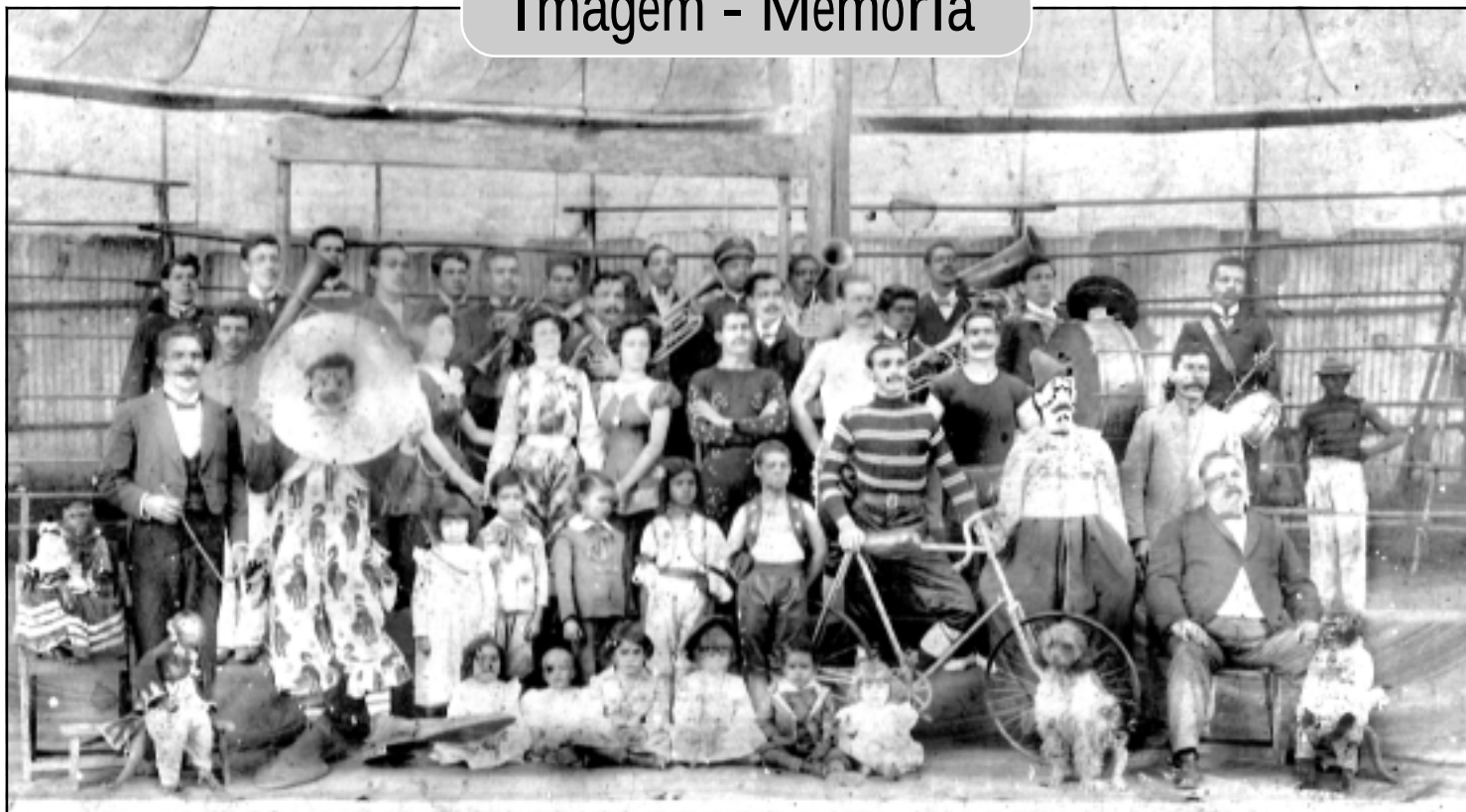
Esta é uma época para reflexões e tomada de decisões. Somos levados a fazer uma profunda análise sobre o que foi o ano que está terminando e como poderemos contribuir para que o próximo seja melhor.

Numa sociedade impregnada pelo hedonismo e por valores pouco cristãos, o homem se distancia cada vez mais do Menino da Manjedoura. É preciso que vencamos o egoísmo, a miséria, a corrupção e todos os outros males que permeiam a sociedade moderna, e nos engajemos numa cruzada pelo seu aprimoramento.

O Natal é momento para nos penitenciarmos de nossas omissões e nos voltarmos para o próximo enxergando nele o Menino do Presépio. A época, mais do que qualquer outra, é de esperança. Façamos do Natal um motivo maior de união e fraternidade.

Que todos se empenhem na construção de um novo tempo: justo, próspero e, sobretudo, feliz!

Imagem - Memória



Circos como o Salvini, da foto, que se apresentou em Piquete no início do século XX, ainda resistem. Continuam com seus holofotes voltados para o picadeiro, na certeza de que fazer sorrir ainda é o melhor remédio para não deixar a tradição acabar.

O mundo mágico do circo

A notícia da chegada de um circo a Piquete sempre era trazida por um moleque que, eufórico, se encarregava de espalhá-la pela cidade. Entre os alunos do grupo escolar, o circo passava a ser o assunto do momento. As crianças não viam a hora do término das aulas para irem espiar a sua montagem. A partir dessa novidade, uma alegria invadia o coração das pessoas que, motivadas, passavam a se organizar para assistir a uma apresentação daquele mundo mágico.

Até a década de 1940, o Largo da Cadeia era o local preferido para a instalação de um circo em Piquete. Mas há referências de circos armados próximo ao Hotel das Palmeiras e também na praça em frente à velha matriz. Com a expansão urbana da cidade, os circos passaram a ser erguidos na Vila Barão, atrás do Mercado Municipal, e próximo à Praça Duque de Caxias.

Numa cidade carente de espetáculos e divertimentos, a chegada de um circo era um acontecimento que movimentava a todos. A festa começava com a armação da enorme tenda de lona circular suportada por dois ou três mastros bem altos, cercados com a arquibancada e o picadeiro, tarefa que os empregados cumpriam rapidamente, de modo que o circo acabava por ser armado em dois ou três dias. Enquanto isso, uns moleques contratados se encarregavam de cobrir postes, muros e cercas com cartazes que expunham as atrações e os horários dos espetáculos. Os circos maiores e mais ricos quase sempre promoviam um desfile pelas ruas da cidade aguçando a curiosidade da população. Desfilavam palhaços, pernas-de-pau, malabaristas, animais e seus adestradores. A trupe era constituída em sua maioria por artistas provenientes de famílias

circenses. Havia laços consanguíneos que sustentavam essas atividades. Pai, avô, filho, sobrinhos e netos eram responsáveis por tudo, desde a infra-estrutura e montagem do circo até o espetáculo.

Em Piquete, até os anos 70 do século passado, grandes companhias se apresentaram. Foram os circos que deram oportunidade à nossa população de conhecer animais selvagens de outros continentes até então vistos apenas em livros e revistas. Pelos picadeiros se apresentavam leões, tigres, ursos, camelos, elefantes, zebras e pôneis. Chimpanzés e poodles vestidos como gente sempre provocavam gargalhadas entre os espectadores. Durante os espetáculos, a população ficava embevecida com os movimentos das contorcionistas, a concentração dos malabaristas, o equilíbrio da menina sobre a corda e a destreza dos trapezistas que prendiam a respiração da platéia com os saltos mortais. O show era sonorizado quase sempre por uma bandinha, que se ocupava de criar um clima de expectativa e suspense, conforme o ato apresentado. Maçã do amor, balas e amendoim açucarado vendido em canudinhos de papel adoçavam o espetáculo. Em alguns circos havia apresentação de pequenas peças teatrais, geralmente dramáticas, encenadas por atores convidados. Era comum também a apresentação de números musicais. Mas a grande atração por todos esperada eram os palhaços. Coloridos e alegres, eram a alma do circo. A ingenuidade dos números fazia as pessoas gargalharem. Um número muito apreciado era o de palhaços dirigindo uma 'fubica'. O calhambeque fazia um barulho medonho, soltava uma fumaceira danada e, à medida que acelerava, ia explodindo e se desfazendo,

para alegria das crianças. Na memória de muitos piquetenses está presente a figura de muitos palhaços: Piolim, Carequinha, Arrelia, Picolino, Torresmo, Pimentinha. Nos anos 50, por aqui se apresentou em um circo, Amásio Mazzaropi, que logo ganhou a simpatia de todos.

Com o passar dos tempos, o circo modernizou. Diversos fatores levaram a uma mudança em sua organização e administração. Com a televisão, o cinema, o teatro e os parques de diversões, ele foi perdendo espaço e público. Tornou-se caro e restrito aos grandes centros. Porém, alguns resistem pelo interior do Brasil, fazendo apresentação em pequenas cidades: são centros de resistência. Esses pequenos circos, ainda com sentimentalismo, e, certamente, com um pouco de saudosismo, continuam com seus holofotes voltados para o picadeiro, na certeza de que fazer sorrir ainda é o melhor remédio para não deixar a tradição acabar.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração:

Marcos R. Rodrigues Ramos

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Sebastianinha

Dentre as alunas da Escola Industrial Feminina formadas em dezembro de 1947, uma se destacou pela atuação nos esportes. Sebastiana de Oliveira, ou Sebastianinha, como é conhecida, descobriu suas habilidades esportivas com o professor Geraldo Pini, de Educação Física.

Ágil e lépida, seu biotipo ajudou-a a se destacar em diversas modalidades: vôlei, basquete, saltos em altura e distância, corrida... Durante os anos de estudo, defendeu a Escola Industrial Feminina, retornando dos Jogos Abertos do Interior com inúmeros troféus e medalhas, para alegria de seu diretor, o professor Leopoldo Marcondes de Moura Netto.

Sebastiana de Oliveira nasceu a 16 de abril de 1927, em Piquete. Foi criada numa região conhecida como “Forja”, na fazenda de Antônio Santana, entre o Benfica e a Tabuleta, por Olímpio Felisberto de Oliveira. A mais remota lembrança de sua infância é da Revolução Constitucionalista de 1932, ocasião em que sua mãe, Ana do Carmo, trabalhava na Vila da Estrela como empregada doméstica.

Sebastianinha freqüentou o grupo escolar da Tabuleta e, em 1944, matriculou-se no recém-criado curso de Corte e Costura da Escola Industrial Feminina. Cita a década de 40 do século 20 como um “período excepcional para a Educação em Piquete”. Afirmar ainda que “a oportunidade dada pelo Departamento Educacional da Fábrica às crianças e jovens foi excepcional: recebiam educação em tempo integral. Graças a essa oportunidade muitos estudaram, se formaram e passaram a trabalhar, podendo sustentar a família”.

No curso de Corte e Costura, foi aluna de Dona Enemi, Dona Maria e Dona Antonieta Azevedo. Recordar-se das colegas de curso: Odete Pereira, Terezinha Generoso, Pompéia de Paula, Maria Francisca da Silva, Manoelina Castro, Terezinha Galvão, Olinda Souza, Neli Paulino... Lembra que no curso havia aulas teóricas, pela manhã, e práticas, à tarde. Todos os sábados, havia desfile dos alunos do Departamento Educacional da



FPV, no local em que hoje se localiza a Praça Duque de Caxias. À tarde, programa de calouro no Cine Estrela, também com a participação dos alunos. Em setembro, durante a Semana da Raça, a cidade se movimentava: concentração no campo do Estrela, com ginástica rítmica e competições esportivas. Sebastiana conta sobre as viagens de trem que os alunos atletas faziam para os jogos regionais: “Competi em Santos, Ribeirão Preto, Cruzeiro, Lorena, Guará, Pinda...”. Cita ainda o sucesso atingido pelo professor Laércio de Azevedo, com o Grupo de Canto Orfeônico, com alunos do DAE.

Após a conclusão do curso, Sebastianinha trabalhou na sapataria do DAM (Departamento de Assistência Material), na montagem do couro utilizado na confecção de coturnos e sapatos para militares e alunos. Foi funcionária, também, do Hospital da Fábrica, retornando para do DAM, na alfaiataria, onde se aposentou. Nesse serviço, teve como companheiros Osvaldo, de Lorena, seu encarregado, Maria Antônia Teodoro, Mauro Ventura, Celina de Barros,

Alzira Palma e Sebastianona (Sebastiana Maria da Conceição Santos), fiel amiga.

Casada com José Francisco de Paula, tem seis filhos e seis netos. Moradora da Vila Cel. Monte, atrás do antigo mercado, há vários anos, é reconhecida pelo otimismo e bom humor. Trabalhadora, conquistou seus sonhos, especialmente a criação dos filhos, motivo de orgulho. “Sou feliz e agradeço a Deus, todos os dias, por tudo que ele me deu”.

Renascer!

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Dezembro de 2007! Natal! Compras, confraternizações, decorações, ceias fartas, elegância... Será essa a imagem que temos do Natal? Para muitos, sim... Reparem que há anos o Natal vem se transformando...

O Advento é tempo de preparação e alegria, de expectativa, quando os fiéis, esperando o nascimento de Jesus Cristo, vivem o arrependimento e promovem fraternidade e paz. No calendário religioso, este tempo corresponde às quatro semanas que antecedem o Natal. Será que ainda é lembrado? Reflitam...

Em tempos de “juros baixos”, “inflação controlada”, “crédito disponível”, “empréstimos consignados”, o que não é esquecido são compras, férias, lazer... No mundo atual, em que o individualismo é a tônica, atitudes como lembrar-se do próximo, perdoar e amar estão, cada vez, mais distantes... Isso se levarmos em consideração o Advento, em que esses sentimentos estão exacerbados; e nos demais meses do ano?

Ecumênico, o Natal deve nos preencher com solidariedade, amor, paz... Não que as comemorações, festas, encontros elegantes e presentes devam ser esquecidos... Acredito que toda essa alegria é muito válida. Afinal, todos gostamos de festas... Apenas pontifico que elas não devem ser o foco, e sua ausência, por qualquer que seja o motivo, não deve ser motivo de tristeza.

Quem pode confraternizar em família, que o faça. Quem pode abraçar e beijar seus pais, irmãos, aproveite. Pode ser uma chance de retomada da união. É também para isso que vem o Natal; após doze meses em que sentimentos como esses ficam esquecidos por motivos diversos, é uma oportunidade de resgatá-los e vivê-los intensamente. É o mote para o início do ano renovado.

Natal! Amor, re-união, paz... Também compras, confraternizações, decorações, ceias fartas, elegância. Assim é que pode e deve ser. Não há por que esquecer as festas. Mas festejemos com amor no coração. E cultivemos com carinho esse amor ao longo de 2008, pra que ele esteja ainda mais forte no dezembro do novo ano que nos chega. Renovemos todos nossos votos... Reforcemos nossos valores... Natal é nascer... Se comemoramos o Natal todos os anos, renascemos, por milagre, a cada ano... E, se renascemos a cada ano, devemos sempre desfrutar a melhor época de nossa vida...

Time de basquete da Escola Industrial Feminina: Sebastianinha é a primeira à direita.



A propósito da leitura de “Uma Casa Paulista”

Uma obra para iluminar o presente e o futuro

Da autoria do casal Thereza Regina de Barros Camargo Maia e Tom Maia (José Carlos Ferreira Maia), o livro Uma Casa Paulista, editado pela Noovha América, 2007, 168p., é uma obra de grande importância histórica para nossa região valeparaibana. Assim como para os paulistas e os brasileiros. Essa característica é, por exemplo, apontada em prefácio pelo professor doutor Paulo César Garcez Marins, pesquisador do Museu Paulista – USP.

A visita proposta ao Solar Rangel de Camargo en-
seja o conhecimento de várias camadas do tempo histórico. Os textos, as ilustrações, as fotos, as referências aos inventários, notícias dos periódicos e os relatos dos eventos compõem os capítulos, sequencialmente, sem esquecer as lutas político-partidárias do alvismo e do camarguismo. O registro do reconhecimento patrimonial é confirmado pelo tombamento pelo CONDEPHAAT (1979), dado o valor histórico e arquitetônico. Assim, o citado solar é descrito pela importância e pelo significado. Prendem-nos a leitura o aspecto descritivo dos móveis de época, das louças e cristais monogramados e de todos os artefatos nos arranjos dos usos e destinações. De outro lado, é sugestiva a citação dos materiais usados na construção, ilustrados pelos desenhos técnicos, detalhando

processos e métodos. Recorrência às paredes de taipa e ao madeiramento no fino labor da construção e conservação. Torna-se muito interessante o relato das origens e tipos dos materiais utilizados.

Lição de grande aproveitamento, a obra de Thereza e Tom Maia executa um percurso

referencial de uma casa senhorial paulista mostrada no tempo de três séculos e já seis gerações.

Lembrando, ainda, na família, o tio-santo, o milagroso Frei Galvão e as pílulas tão procuradas. Mas tam-

bém lembrando a Revolução Constitucionalista (1932), as visitas célebres, como as dos príncipes, por exemplo, da Princesa Isabelle de Orléans e Bragança e do Príncipe Pedro Gastão, e mais outros nobres e ilustres. E a tudo acrescentados os quitutes, os doces saborosos e a cozinha tradicional valeparaibana com as famosas receitas e a cortesia do acolhimento aos visitantes. Trata-se, portanto, a obra aqui comentada de ma-neira sucinta, de uma importante referência documental para ser conhecida, lida e apreciada.

Em seguida, a forma de um poema pretende demonstrar o apreço despertado e o reconhecimento do valor artístico e histórico do solar residencial dos autores.

Dóli de Castro Ferreira



Lançamento de “Uma Casa Paulista”, em 26/09/07

Uma Casa Paulista

(para Thereza e Tom Maia)

A solidez das velhas casas patriarcais têm, no amálgama, a força das decisões fortificadas nas buscas dos ideais que delas emanam. Chamas e votos como forças fatais de destino cheias, e de sussurros ou vozes altas derivadas nos ares dominiais. Delas se dizem coisas incompreensíveis se não houver ouvidos próprios para os entendimentos. Assim são os valores patriarcais.

O solar de Rangel de Camargo, dos Camargos carregado, é presença testemunhal de lembranças. Memorial. Junção de fragmentos de memórias, pedra e cal.

A somar no tempo, eventos, coleta dos exemplos, retidos nos aposentos.

Contraído em entropia, o passado é densidade, simbólico das mensagens, tradições e cabedais fecundos de humanidade

Eis o solar!

Solar tem sol e ar.

Modelar na obra de taipa, do ferro, caibro e madeiras, dos encaixes das janelas abertas a todo ar.

Exposto aos amplos limites, contido nos mútuos segredos, em Guaratinguetá, o solar, patrimônio para durar.

Feliz Ano Novo

Eunice Fernandes

O ano vai terminando...

Primeiro de janeiro de 2008
estará marcado em folhinha nova!



“Quem teve a idéia de cortar o tempo em fatias, a que se deu no nome de Ano, foi um indivíduo genial. Doze meses dão para qualquer ser humano se cansar e entregar os pontos”. Assim escreveu o poeta Carlos Drummond de Andrade.

Novo Ano!... É mais um passo para frente, mais uma etapa a superar no caminho misterioso do futuro.

Costumo registrar em um pequeno caderno, em diversos setores, meus projetos para o transcorrer do ano: viagens, mais tempo com amigos e a família, perdas e ganhos, livros que gostaria de ler, maior abertura para minha vida espiritual e atividades físicas, pintar novos quadros, escrever... E por aí vai...

Ao longo do ano, volta e meia folheio meu caderninho para fazer um balanço e constatar o que realizei. Daí, meu desapontamento: vejo que tantos planos e vários projetos a serem realizados durante os trezentos e sessenta e cinco dias de 2007 ficaram apenas esboçados no papel. Creio, porém, que isso não se deu apenas comigo.

Refletindo bem, este ano não passou: ficou em cada uma das ações que nele realizamos, boas ou más, e que deixaram em nós um sinal inapagável.

Novo sol carregado de promessas e de esperanças vem iluminar nossas janelas. Por isso, caro leitor, não lamentemos aquilo que poderia ter sido feito e não foi.

Que a janela do Ano Bom se abra em todos os lares, sob o sorriso maternal da Virgem Santíssima. Que ela descerre todas as cortinas, para deixar entrar a luz da nova aurora!

Feliz Ano Novo!



Padre Juca

O Padre Juca ficou muito tempo entre nós. Seu nome era José Francisco Von Atzingen. Chegou pobre e saiu pobre. Sua bagagem: alguns livros de devoção, o breviário, duas batinas e a mala de roupas. Nada mais. Uma vida franciscana.

Ingressou no seminário após a visita da viuvez. Consagrou-se à Igreja e foi-lhe fiel até a morte.

Nas missas de domingo, a singeleza era a marca das suas prédicas. Para os amantes de ostentação e arroubos oratórios ele assemelhava-se a um espelho sem brilho. Mas Deus sempre se manifestou através dos humildes e dos simples.

Sofria de varizes, as pernas inflamadas envoltas em panos. Esse era o seu calvário no dia-a-dia. Mas não reclamava nem esmorecia. Lentamente subia a ladeira da velha matriz de São Miguel e enclausurava-se no confessionário a ouvir as mazelas e os desabafos dos paroquianos. A cavalo ia para a zona rural e lá ficava dias em convivência com lavradores. Voltava cansado, suarento, a batina empoeirada, o corpo dolorido, um guarda-chuva aberto para se proteger do sol. O cavalo vinha passo a passo, sem pressa de chegar. Lembrava um avô muito querido que gosta de agradar às crianças: fazia caretas, franzia os sobrolhos e movimentava a testa e a calva para frente e para trás. Sua cabeça parecia de borracha. A garotada ria e em vão tentava imitá-lo.

Famosas as romarias a Aparecida. Era uma festa: sinos, foguetes e os apitos do trem espantando o silêncio da madrugada. Faixas, insígnias, bandeiras. A estação, pequena para tanta gente: velhos, moços, crianças sonolentas... e o cuidado com as sacolas e as bolsas recheadas de bolos e

salgados. A cidade quase vazia. Nossa Senhora, num andor, entre filós e flores de pano, imantava os cânticos e as preces. O Padre Juca percorrendo as classes, abençoando e ungindo a todos com palavras de vida eterna.



Todas as vezes que vejo um circo, lembro-me dele. Certo dia chegou um a Piquete, armado na Praça Leonor Guimarães, pertinho da casa paroquial. Circo pobre, muito pobre, a lona remendada e uma infinidade de furos por remendar. Os artistas, sem talento e criatividade. O palhaço, sem graça; ria-se das suas piadas mais por piedade do que por prazer. A equilibrista, um tanto gordota, vestida de verde, subia no trapézio, com medo, sem agilidade. Nada de macacos ou leão. Apenas uns cachorros

magrinhos que davam uns pulinhos desajeitados e latiam fora de hora.

A má fama do circo logo correu de boca em boca: circo ralé, sem vergonha, mixuruca. Contavam-se nos dedos os espectadores.

Na igreja, o Padre Juca, condoído da penúria dos pobres artistas, falou ao povo e concitou-o à solidariedade. Num sábado, à noite, após a reza, ao circo afluíram filhas de Maria, congregados marianos, senhoras das irmandades e crianças do catecismo. Todos felizes: o pessoal do circo, pelas moedas que tilintavam na bilheteria, e os fiéis, pela prática da caridade. Palmas e risos, balas e pirulitos vendidos na arquibancada. Até fotografias do palhaço e da trapezista eram oferecidas como lembrança.

O dinheiro arrecadado serviu para muitas coisas, inclusive para a gasolina do caminhão. Na segunda-feira os circenses partiram, agradecidos. Não sei onde foram armar a sua tenda e exhibir a pobreza da sua arte. Comentava-se que um rapaz, apaixonado pela trapezista, acompanhou a troupe. Dele não se teve mais notícia.

Ficou gravado na memória o Padre Juca sentado na primeira tábua da arquibancada, batina preta, todo sorrisos, as pernas envoltas em faixas.

Quem imaginaria que muitos anos depois, no dia 20 de dezembro de 1957, ele seria brutalmente assassinado por um jovem ladrão, com quinze punhaladas, na Santa Casa de Misericórdia de Cachoeira Paulista, onde atuaria como capelão?

Sua sepultura está sempre coberta de flores.

Chico Máximo

Extraído do livro "Crônicas de Cidadezinha"

Um século com Oscar Niemeyer

Oscar Niemeyer nasceu no Rio de Janeiro, em 15 de dezembro de 1907. Formou-se, em 1934, em arquitetura, pela Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, tendo freqüentado, nesse período, o escritório de Lúcio Costa. Em 1936, integrou a comissão formada para definir os planos da sede do Ministério da Educação e Saúde, no Rio de Janeiro, sob supervisão de Le Corbusier, a quem assistiu, como desenhista, durante sua estada de três semanas na cidade. Foi sua a solução adotada na construção do edifício, baseada no primeiro projeto do arquiteto suíço.

Entre 1940 e 1944, projetou, por encomenda do então prefeito de Belo Horizonte, Juscelino Kubitschek, o conjunto arquitetônico da Pampulha, marco de sua obra. Em

1947, é convidado pela ONU a participar da comissão de arquitetos encarregada de definir os planos de sua futura sede em Nova York. Seu projeto, associado ao de Le Corbusier, é escolhido como base do plano definitivo.

Em 1956, a convite do presidente da República, JK, colaborou na construção da nova capital, cujo plano urbanístico é confiado a Lúcio Costa. Em 1958, foi nomeado arquiteto-chefe da nova capital e transfere-se para Brasília, onde permaneceu até 1960. Em 1972, abriu um escritório em Paris. Realizou grande número de projetos no exterior, como a sede do Partido Comunista Francês, em Paris, 1967 e a sede da Editora Mondadori, em Milão, 1968.

Oscar Niemeyer recebeu, entre muitas

outras homenagens e distinções, a Ordem de Comendador das Artes e Letras e a Medalha de Ouro da Academia de Arquitetura de Paris, o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de São Paulo, e o Prêmio Leão de Ouro, na 6ª Bienal Internacional de Arquitetura de Veneza.

Suas obras são caracterizadas pelo uso das estruturas em concreto armado, em formas curvilíneas, pela qual declarou ou em casca, além de inéditas possibilidades estéticas da linha reta, que se traduziram em fábricas, arranha-céus, espaços para exposições, residências, teatros, etc.

A presença constante de Niemeyer na arquitetura contemporânea internacional até os dias atuais o transformou em símbolo brasileiro. **Fonte: Itaú Cultural**



Catedral de Brasília
Brasília/DF



Congresso Nacional
Brasília/DF



Palácio da Alvorada
Brasília/DF

Crônicas Pitorescas

Rei deposto...

Palmyro Masiero

O senhor absoluto! Suas ricas plumas multicoloridas chamavam a atenção e sua imponência impávida dava-lhe um aspecto de majestade. E era mesmo o soberano dentro do seu reino, um enorme quintal ao redor de um casebre humilde, lá pelas bandas da Serra do Quebra-Cangalhas.

Considerava-se, num adonismo um tanto incôngruo, o mais bonito galo da região, o amado pelas súditas ciscadoras. Às primeiras baforadas do sol, espantava a escuridão do sono batendo as asas vigorosamente e sua melodia matinal anunciava o novo dia. Logo ao amanhecer, as primeiras rodeadas, de asas inclinadas, cacarejando palavras de carinho, e a corrida para amores bicadores... Os pius-pius dos pintainhos eram música para sua virilidade. Os dias corriam dentro de uma harmonia natural.

Certa tarde, notou que o dono da choupana vinha trazendo ao colo um pintinho preto, pescoçudo, feio que doía! Viu o homem passar a mão pela cabeça pelada do bichinho, e, segurando-o pelo peito, fazia-o pular várias vezes. O velho galo olhou com desdém para aquela coisa que mais parecia filhote de urubu que mesmo de sua raça. Já não foi com a cara do urubuzinho, logo de entrada.

Tempo passando e o carinho do matuto para o pretinho. O colorido soberano considerava o porcariázinha muito pequeno para dar-lhe uma boa tunda. Afinal, não ficaria bem para um rei bater em criança!

Calendário dobrando, o escurinho desenvolvendo-se. Diariamente, o caipira aumentando o número de pulos do franguinho e afiando-lhe as esporas. Grande vantagem pular, escarnecia o senhor do terreiro! Já tinha posto reparo que, às vezes, o intruso tinha ímpetos de enfrentá-lo. Grande descarado! Aceitou-o no seu império, e estava querendo passar de "pato a ganso"!

A mulher de casinhola começou a balbuciar umas sílabas, que o aviário todo entendia: hora de jantar ou de papomilhar, se ficar melhor. E não é que o galinho preto

arrancou na frente, num total desrespeito ao magnífico galináceo que lhe impusera alimentar-se depois de todos? Ah! Foi a gota d'água! Este acinte teria no mesmo instante um paradeiro!

Sem mais pensar, partiu para cima do urubuzinho com a absoluta certeza de colocá-lo no seu devido lugar. Qual seu espanto ao ver que, sem fugir, o frango fusco preparou-se para enfrentá-lo! Saberia dar-lhe uma surra que o jovem jamais se esquecerá! Pescoços levantaram-se, com as penas do pescoço do rei eriçadas. O pretinho tomou a iniciativa da luta e ei-lo em pleno ar buscando a cara do monarca. Livrou-se o velho galo do golpe e partiu para cima da cabeça do inimigo. Encontrou o vazio. Rodeiam-se. Estudam-se. Pulos de ambos os lados, bicos ávidos para pegar firme. Mas só o negrinho acertava. Da crista abundante do reinol galináceo jorrava sangue. Pior é que o outro nem crista tinha para ser bicado. As pernas do aviltado começaram a não se deixar dominar pela vontade do dono. A galinhada, alheia à sangrenta disputa. E o chefão a levar a maior sova que se podia imaginar. Sua crista e cara eram uma era uma só poça de sangue, os dois olhos furados. Não mais enxergava o adversário. Era fugir ou morrer. E toda a glória de sua vida? E seu paradisíaco reino? Já nada interessava. Precisava fugir. Fugir, fugir... Onde?... Como?... E o sádico urubu não o deixando um segundo sequer sem uma dolorida bicada, ou rasgante esporada. Saiu rastejante, arrastando as pernas da melhor maneira que conseguia, dando de encontro contra tudo. Apanhando encontrou um buraco onde se meteu.

A tarde despedia-se. Escutou bater de asas e ouviu o canto mais triste de toda a sua vida.

A última galinha tomou seu lugar no poleiro e o jovem galo índio preparou-se para dormir, com toda a dignidade que se lhe impunha como autoridade absoluta do galinheiro.

Seu Mané do galo

Edival da Silva Castro

Uma família de gente simples vivia tranqüila na roça, numa pequena casa de alvenaria, à beira duma encosta, lá pelas bandas do Bairro dos Marins.

O agricultor tirava da terra o sustento da família. Apesar de sozinho, dava conta da policultura. Nas imediações da casa havia um celeiro pra armazenar as colheitas. Local arejado e de bom tamanho, coberto com sapé e cercado com folhas de zinco.

Gente simples, todos tratavam o agricultor de Seu Mané do galo. O porquê é este:

Além de lidar com a terra, seu Mané tinha muita criação. Eram patos, galinhas, perus, galinhas-d'angola, cavalos e vacas leiteiras. No fundo do quintal, na várzea dum córrego, um chiqueirão bem cuidado com porcos castrados.

Certa vez, numa ninhada de pintinhos nasceu um deles sem o bico. Seu Mané, homem piedoso, não quis sacrificá-lo e passou a tratá-lo com quirela no papo. Separada da irmandade, o pintinho foi crescendo e trazendo postura de macho, isto é, galo.

Não deu outra: tornou-se um carijó fogoso e vistoso. Todo o dia, Seu Mané, antes de ir para a lida, enchia uma das mãos de milho pra suavizar-lhe a fome. Ao vê-lo no quintal, o galo saía ansioso correndo ao seu encontro. Coitado, não cocoricava, somente esboçava uma única nota: có, có, co...

Toda manhãzinha, Seu Mané ia para o fogão, punha fogo na lenha e feijão pra cozer. Num dia, ouviu o estalido de algo batendo no zinco do celeiro. Saiu pra ver. Ficou atônito quando deparou: o galo, com o pé esquerdo punha o grão de milho entre os dedos e jogava-o na folha de zinco: o grão batia e voltava direto para o seu papo. Seu Mané começou a gargalhar tão alto, que acordou mulher, crianças, cachorro e tudo o mais. Foi uma algazarra danada, até o galo sem bico parou com a manha. Os vizinhos das cercanias não demoraram muito pra aparecer. Todos queriam conferir o malabarismo do artista.

A fama do galo sem bico criou asas e voou por plagas distantes e ele adquiriu tanta habilidade, que nunca mais ninguém precisou colocar milho em seu papo.

Porém o apelido do seu Mané perpetua-se até hoje.

A FCR convida

"Exposição de Presépios"

A partir de 20 de dezembro
das 16h às 21h

Espaço Cultural
"Célia Ap. Rosa"



Convite

Lançamento do livro "Operação Marins 2 Novas Descobertas"

de Rodrigo Nunes

Dia 15 de dezembro de 2007

A partir das 19h30min
Espaço Cultural
"Célia Ap. Rosa"

Piquete/SP



Acesse, leia e divulgue
o informativo

"O ESTAFETA"

www.fundacaochristianorosa.cjb.net



Fotos Arquivo Pró-Memória

Revegetação de Mata Ciliar na microbacia do Ribeirão Limeira

No dia 27 de novembro, na FPV, a arquiteta Teca Gouvêa ministrou palestra sobre a importância da mata ciliar e de corredores ecológicos para a preservação dos recursos hídricos e do meio ambiente. Noventa e cinco pessoas participaram do evento, realizado na Semana de Segurança do Trabalho, Qualidade e Meio Ambiente, entre elas a direção da FPV e membros da CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes) e da Comissão de Meio Ambiente. Essa palestra foi também a aula inaugural do Curso de Sensibilização da Comunidade por meio de Educação Ambiental, previsto no projeto de “Revegetação

de Mata Ciliar na microbacia do Ribeirão Limeira”, desenvolvido em parceria com a IMBEL/FPV. O projeto prevê o plantio de mais de 29 mil mudas de árvores nativas da Mata Atlântica, de oitenta espécies, e está sendo executado pela Fundação Christiano Rosa. Contando com recursos do FEHIDRO, Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo e Comitê de Bacias Hidrográficas do Paraíba do Sul (CBH-PS), tem previsão de término em 2010.

As mata ciliares

As matas ciliares são fundamentais para o equilíbrio ecológico, pois oferecem proteção para as águas e o solo, reduzindo

o assoreamento de rios, lagos e represas, além de impedir o aporte de sedimentos. Segundo o governo estadual, um milhão de hectares de áreas de mata ciliar precisam ser recuperadas e reflorestadas no estado de São Paulo.

A Fundação Christiano Rosa, por meio dos projetos que vem desenvolvendo, não só contribui para a recuperação e preservação dessas áreas, como demonstra responsabilidade social quando envolve comunidade e empresas como a IMBEL/FPV na tarefa de conscientização sobre a importância de projetos como o do Ribeirão Limeira.

Meio ambiente é vida

O Livro do Gênesis nos mostra que a pessoa humana foi criada como um ser único, mas com duas dimensões, a natural e a sobrenatural, quando nos diz: Então o Senhor Deus formou o homem do pó da terra, soprou-lhe nas narinas o sopro da vida, e ele tornou-se um ser vivente (Gn 2,7).

Como pessoas que recebemos o dom da vida através do hálito divino penetrante em nossas narinas, temos uma dimensão sobrenatural, que se realiza em Deus e acontece no nosso dia-a-dia através do cultivo dos valores espirituais e religiosos, como a vida de oração, a celebração da fé, o conhecimento da Palavra revelada, a prática da caridade, etc.

Mas não podemos nos esquecer de que o Senhor Deus nos formou do pó da terra, o que significa que somos seres de natureza e precisamos dela para a nossa realização, tanto em âmbito pessoal, como comunitário, na vida social, política, econômica e cultural.

Esses dois aspectos da vida não se constituem elementos separados entre si, mas, na verdade, devem ser integrados para que a pessoa humana tenha vida e vida em abundância. É por isso que o Documento recentemente aprovado pelos bispos reunidos na V Conferência do Episcopado Latino Americano e Caribenho, que aconteceu na cidade de Aparecida, nos afirma que nós precisamos de uma adequada antropologia, uma

antropologia integral que nos leve a valorizar o ser humano em todas as dimensões da sua existência, a fim de que não caiamos nem no materialismo secularista, nem no espiritualismo alienado, mas vivamos com alegria e profundidade todas as dimensões da vida que Deus nos concedeu.

Sendo assim, a natureza tem uma importância muito grande para que a vida humana continue na Terra e a pessoa humana possa ser feliz. Devemos, por isso, preservar e valorizar o meio ambiente, assim como buscar, com todos os meios disponíveis, caminhos para a superação de todos os problemas relacionados a ele, que vão desde a poluição química, biológica, sonora e visual de nossas cidades até as grandes causas do aquecimento global e das violentas mudanças climáticas que ameaçam a vida sobre a Terra. Para nós, isso não pode ser um discurso, mas compromisso sério que deve ser assumido a partir da nossa realidade local. Podemos citar como exemplo a necessidade de recuperação do Rio Paraíba do Sul, o problema do lixo e do esgoto que não são tratados nas nossas cidades, a chuva ácida e a devastação da Mata Atlântica, entre outras coisas.

É claro que, para todos nós, merece especial destaque a situação em que se encontra o nosso Rio Paraíba do Sul, tão importante para nós, seja porque abastece as cidades do Vale do Paraíba até os confins do Estado do Rio de Janeiro, seja porque abastece a nossa fé, porque do seu leito

recebemos a pequenina imagem da Padroeira do Brasil, conforme nos narra a história tão viva em nossas memórias. Resgatar a qualidade do Rio Paraíba do Sul é melhorar a qualidade de vida do nosso povo e homenagear a nossa Mãe e Padroeira por resgatar o meio por ela utilizado para chegar até seus filhos brasileiros e brasileiras.

Assim, Maria nos ensina que esta visão de meio ambiente e ecologia deve ser integrada à espiritualidade humana. Temos responsabilidade diante de Deus, e essas responsabilidades devem ser assumidas com critérios dados pelo próprio Deus, que são: a valorização, o cuidado e a preservação da natureza; a pessoa humana com o ponto mais alto da criação, de onde decorre a valorização e a necessidade da defesa e promoção da vida humana; a capacidade de fazer da natureza um meio para conhecer a Deus e reconhecer o seu amor para com todos nós.

Concluindo, meio ambiente é vida, é um dom que Deus nos concedeu para o nosso bem e para a nossa felicidade. Por isso, temos uma tarefa a cumprir: a tarefa de garantir esse dom de Deus, para que a vida possa continuar no nosso planeta.

Dom Raymundo Damasceno Assis, Arcebispo de Aparecida.

Discurso proferido na Câmara Municipal de Aparecida, aos 29/11/2007



Correndo com São Silvestre

Abigayl Lea da Silva

Sucessor do Papa Melquíades, São Silvestre foi o primeiro papa que pôde sair da clandestinidade graças ao Edito de Milão, no ano de 313, quando o Imperador Constantino concedeu liberdade de culto aos cristãos.

Foi muito feliz quem deu o nome do santo do último dia do ano à corrida que se realiza no Brasil e mobiliza atletas do mundo inteiro.

O esforço dos atletas acende a tocha da esperança em um ano melhor, em um ano de atitudes inteligentes e conciliatórias, em que, pelo menos tenhamos o propósito de examinar as outras pessoas e os outros povos com aquele olhar de curiosidade infantil que faz com que enxerguemos o que realmente está diante de nós.

Se eu tivesse de escolher três bons políticos baianos das últimas décadas, prontamente indicaria o escritor Jorge Amado, aquele mesmo que foi eleito deputado constituinte – por São Paulo – em 1946 e expulso da Câmara em 1948; a religiosa Irmã Dulce; e o músico Carlinhos Brown.

Político é a mulher ou o homem que escolheu deixar em segundo plano a vida pessoal para viver a vida da cidade.

Os velhos índios sentados no chão, ao redor do fogo, resolvendo os problemas da aldeia, estão exercendo atividade política.

Quando adverte, quando denuncia, quando ensina, a mídia está exercendo atividade política.

Quando gasta a sola do sapato para insistir no soro caseiro e na multimistura, o agente de saúde está exercendo atividade política.

O fazendeiro que protege as nascentes e replanta a mata ciliar está exercendo atividade política.

Quando Jorge Amado inscreveu no seu currículo o título de “Otun Oba Orolú do Ache do Opô Afonjá”, pôs o ponto final na perseguição às religiões de origem africana na Bahia.

O artista cedeu lugar ao político e ergueu baluarte contra o preconceito religioso que não pode ser admitido em uma sociedade pluriétnica como a nossa.

Não há brasileiro que não guarde em sua mente a figura delicada da Irmã Dulce.

No momento em que dobrava a coluna sobre a maca do paciente, a atitude política se mesclava à atitude religiosa – o filho de Deus é o cidadão brasileiro que tem direito à saúde.

Carlinhos Brown, na sua jovialidade responsável, desde cedo entendeu – o meu lugar é lugar de muitos; e ele tem de ser o melhor possível para todos.

Usou o dom da comunicação através dos sons da palavra e da música para convencer os desanimados de que crescer é possível.

O barulho fecundo de Carlinhos Brown mudou a feição do seu lugar.

Estamos às vésperas da Corrida de São Silvestre.

Vamos fazer o aquecimento necessário analisando as boas atitudes políticas a que temos a felicidade de assistir.

Vamos preparar os nossos uniformes escolhendo o campo em que seremos mais úteis.

Vamos estabelecer nossa dieta calórica afastando os deixa-para-lá dos pusilânimes.

Empunhemos o bastão de São Silvestre em busca do pódio da cidadania.

O Natal nos ensina que Deus é um menino

Habituo-nos a imaginar Deus como um homem idoso, de barbas e cabelos brancos e compridos. Alguém extremamente sábio e superior a qualquer um de nós, com olhos penetrantes, capaz de enxergar qualquer deslize nosso.

O Natal, porém, nos ensina que Deus é um simples menino que, em sua fragilidade e pequenez, não nos ameaça. Quem pode temer um recém-nascido? Que mal pode um menino pobre, enrolado em faixas de panos, fazer a algum de nós? O Natal nos enche de esperança, porque aprendemos que não seremos julgados por um duro juiz, mas por uma criança pobre e indefesa nascida numa manjedoura. Por isso, sem medo, podemos nos aproximar de Deus, pois a salvação se fez acessível a todos.

Já posso ouvir o coro da missa do galo harmoniosamente fazendo o convite a todos os homens e mulheres de boa vontade: “Ó vinde, adoremos o Salvador!” Deus fez-se homem, não para condenar, mas para salvar a humanidade. Num mundo que preza tanto o poder e a grandeza, Ele revelou-se frágil, pequeno e vulnerável, mostrando o caminho da pequenez, do despojamento, do rebaixamento como caminho de salvação.

Na maioria das vezes, as pessoas querem ser mais importantes, ter mais valor na sociedade, aumentar as suas posses, dominar as outras; querem ascender, ir para cima. O Natal nos propõe algo diferente: Deus deixa sua glória e arma sua tenda entre nós, torna-se um Emanuel, um Deus conosco, sai de cima e vem para baixo. A encarnação de Deus nos mostra um novo itinerário a ser assumido por nós, o caminho da Kênosis, do rebaixamento. Se antes gostávamos de ser servidos, precisamos passar a servir, sobretudo aos mais necessitados e desprovidos de segurança; se buscávamos o reconhecimento das pessoas, temos que aprender a reconhecer a todos como irmãos e irmãs, independente das diferenças de raças, costumes, religiões, opção sexual, limites físicos ou psíquicos, ou de qualquer outra diferença que possa gerar variadas formas de discriminação.

Como fez Deus ao assumir nossa carne, devemos nos fazer próximos de todos; ninguém pode ser considerado indigno de nossa proximidade. Os pobres e marginalizados foram os primeiros escolhidos para acolher Jesus, foram privilegiados; Deus quis ser um deles, Jesus está identificado com eles: “o que fez ou deixou de fazer a esses meus irmãos e irmãs menores, os famintos, os sedentos, os encarcerados e nus, foi a mim que fez ou deixou de fazer.” Jamais desprezemos os pobres; antes, estejamos perto deles, caminhemos com eles, estendamo-lhes as mãos, façamo-nos pequenos e acessíveis a eles e a todas as pessoas, como Deus se fez na manjedoura a toda a humanidade. Que neste Natal, contemplando o Deus menino, sejamos também despojados de tudo o que nos torna superiores e nos separa de nossos semelhantes, e compreendamos que quanto mais frágeis, pequenos e pobres formos, mais facilmente conquistaremos o tesouro da comunhão e da fraternidade com os outros seres humanos. A todos um feliz Natal!

Pe. Fabrício Beckmann



**Quando a Palavra de Deus desceu
à Terra, de noite, no silêncio, tudo
ficou parado por um momento e
alheio ao próprio curso.**

**É final de ano, época de colheita
dos frutos semeados.**

**Que a virada deste ano nos
presenteie com um calendário de
projetos e realizações, pois o Natal
traz a certeza de um amanhã
melhor. Vamos acreditar!**

Boas Festas! Feliz 2008